



# LUTA e MEMÓRIA

# Apresentação à entrevista de Edmundo Dias

Gilberto Calil e Antonio de Pádua Bosi\*

Edmundo Fernandes Dias foi um intelectual que, como poucos, manteve ao longo de toda sua vida uma sistemática e orgânica unidade entre reflexão intelectual e prática política militante. A intransigência nos princípios e o rigor na análise sempre foram acompanhados do combate permanente ao sectarismo e do compromisso cotidiano com as lutas da classe trabalhadora. O intelectual que ao longo de inúmeras obras polemizou com a interpretação majoritária que associa simploriamente o conceito gramsciano de hegemonia à noção de consenso e que esvazia a perspectiva revolucionária constitutiva do pensamento gramsciano é o mesmo que atuou por longos anos como militante e dirigente sindical no ANDES-Sindicato Nacional Docente e na Adunicamp (Seção Sindical da Unicamp).

A entrevista aqui publicada foi produzida em maio de 1999, no contexto de uma visita de Edmundo Fernandes Dias ao *campus* de Marechal Cândido Rondon da Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Naquela visita, além da produção da entrevista, Edmundo ministrou um seminário

sobre Autonomia Universitária e um curso sobre a teoria de Antonio Gramsci e participou de reuniões que discutiram as perspectivas da organização sindical docentes nas universidades estaduais paranaenses.

Esta entrevista permanece como documento extremamente atual. A despeito de algumas passagens mais conjunturais, em seus elementos centrais reflete sobre questões e desafios que se manteriam dramaticamente presentes na atualidade e identifica tendências que efetivamente se afirmaram nos dezesseis anos que nos separam de sua realização.

Na entrevista, Edmundo realiza um balanço da trajetória das universidades públicas brasileiras antes e depois do Golpe de 1964 e da relação entre universidade pública, suas lutas e o conjunto da sociedade. Discute em particular a questão da autonomia e a forma como foi se afirmando como referência na construção das lutas em defesa da universidade pública brasileira. Ao mesmo tempo, reflete sobre a trajetória do ANDES-SN, da qual foi destacado protagonista em seus diversos momentos – da sua constitui-

---

\* Professores do Curso de História e do Programa de Pós-Graduação em História da UNIOESTE. gilbertocalil@uol.com.br ; antonio\_bosi@hotmail.com

ção como sindicato à ruptura com a Central Única dos Trabalhadores e filiação da Conlutas (posteriormente CSP-Conlutas), eventos que se deram posteriormente à realização da entrevista.

Naquele momento, o ANDES-SN estava sob gestão do grupo político que Edmundo chama de “pretos” (pela cor da tinta do mimeógrafo em que escreviam seus manifestos), constituído por aqueles que pensam as lutas sindicais sob uma perspectiva corporativista (em oposição aos “azuis”, que defendiam articular a luta sindical na universidade com as lutas mais amplas da sociedade brasileira). Esta gestão foi a única em toda a trajetória do ANDES-SN conduzida por este grupo que posteriormente constituiria um sindicato chapa-branca (PROIFES – Federação dos Sindicatos dos Professores de Instituições Federais de Ensino Superior). A aguçada crítica à perspectiva que sustenta a ação política deste grupo é uma constante na entrevista, mas, além disto, o próprio contexto específico em que a entrevista ocorreu também tem relação com o combate a esta posição: a vinda de Edmundo à UNIOESTE foi motivada pela sua intenção em estimular e contribuir para a criação de uma seção sindical do ANDES-SN na UNIOESTE e, com isto, colaborar para a afirmação de uma concepção sindical autônoma e combativa no interior do ANDES-SN.

Em maio de 1999, as universidades estaduais paranaenses viviam uma experiência piloto de um projeto de desmonte das universidades públicas,

através da imposição de um termo de gestão financeira que estabelecia um “orçamento global”, ou seja, um montante pré-estabelecido de recursos que, no limite, possibilitaria exclusivamente o pagamento dos salários, tendo como contrapartida uma “autonomia financeira” por meio da qual o universidade ficaria “livre” para buscar os recursos necessários ao custeio e investimentos junto ao “mercado”. Naquele momento, a UNIOESTE estava mobilizada na luta contra esta perspectiva e, não por acaso, a entrevista de Edmundo ocupa as páginas centrais de uma edição especial sobre Autonomia Universitária do Jornal *Fronteiras* (publicado pelo CEPEDAL, atualmente designado como Núcleo Pesquisa e Documentação do Oeste do Paraná). Como Edmundo demonstra na entrevista, a despeito do jogo de palavras através do qual os governos tentam confundir a população, os pressupostos e fundamentos desta “autonomia financeira” são antagônicos aos da verdadeira autonomia universitária, além de trazer para o interior das universidades contradições que terminariam por minar sua capacidade de resistência: “*Com o orçamento global, a campanha salarial não se faz mais contra o governo do Estado. Agora é o seguinte: vai ter mais salário para professor ou para funcionário? Vai ter mais salário ou vai ter mais laboratório?*”. A defesa da autonomia universitária e a luta contra o modelo instituído através do termo de gestão e do orçamento global foram elementos constituintes das greves das universidades paranaenses

em 2000 e, sobretudo, na greve de 169 dias de 2001-2002 – até hoje a mais longa greve da história do sindicalismo brasileiro.

Mas não é apenas por ajudar a desvendar a esfinge da “autonomia financeira” que Edmundo contribuiu para a defesa das universidades públicas paranaenses. No momento em que ocorreu sua entrevista, existia no Paraná apenas uma seção sindical vinculada ao ANDES-SN, na Universidade Estadual de Londrina, persistindo nas demais universidades sindicatos locais, sem articulação nacional nem vinculação ao ANDES-SN. A discussão proposta por Edmundo, e acolhida por um grupo de professores, colocou como desafio a construção de uma seção sindical na UNIOESTE e, a partir dela, também nas demais universidades estaduais paranaenses. Quando foi deflagrada a greve dos 169 dias (2001-2002), o sindicato docente da UNIOESTE (Adunioeste) já estava constituído e teve papel relevante em garantir a sustentação política e jurídica da greve, em conjunto com a Secretaria Regional do ANDES-SN. Encerrada a greve, foram constituídas seções sindicais também nas duas universidades que não tinham participado da greve – UNICENTRO (Adunicentro) e UEPG (Sinduepg), e posteriormente também

na UEM (Sesduem) e na UNESPAR (Sindunespar), criada em 2013<sup>1</sup>. A existência deste conjunto de instrumentos de luta articulados e combativos, cuja constituição inicial foi inspirada e apoiada por Edmundo, permanece como fator relevante atualmente, dois anos depois de seu falecimento, no contexto de mais uma forte greve contra um governo que ataca os direitos dos trabalhadores, e que teve como um de seus eixos principais uma nova tentativa de imposição de uma “autonomia financeira” claramente direcionada à desresponsabilização do governo com a manutenção das universidades.

Em um momento em que os sindicatos docentes das universidades do Paraná sustentam uma dura greve contra um governo que se tornou mundialmente conhecido pelo Massacre de 29 de abril de 2015, e ao mesmo tempo explicitam na prática e denunciam as condutas nefastas de um sindicalismo burocrático e antidemocrático que cria enormes obstáculos às lutas de diversas outras categorias dos servidores públicos paranaenses, lembrar a contribuição de Edmundo Fernandes Dias na criação de condições para a estruturação desta luta é ao mesmo tempo uma homenagem e um reconhecimento justo e necessário.

Recebido em 05 de junho de 2015

Aprovado em 27 de junho de 2015

<sup>1</sup> Em contrapartida, em 2009, a seção sindical do ANDES-SN na UEL unificou-se com um sindicato de âmbito regional (Sindiprol) e deixou de estar vinculada ao ANDES-SN.